

Dialética das relações dialógicas de J. -J. Rousseau e L. Tolstói: dos textos autobiográficos às obras de ficção

Profa. Dra. Elena Vássina (USP)
Doutoranda Natalia Cristina Quintero Erasso (USP)

Resumo:

O objetivo da comunicação é detectar as vertentes da profunda influencia que Jean-Jacques Rousseau exerceu na vida e na obra de Lev Tolstói e, também, analisar diferentes formas de relações dialógicas que se estabeleceram entre o escritor russo e o pensador suíço. Interessamos a análise comparativa do conceito de “homem natural” e sua contraposição à civilização no pensamento e na criação de Rousseau e Tolstói, assim como o reflexo deste conceito em alguns dos principais obras do escritor russo: “Os cossacos”, “Guerra e paz” e “Ressurreição”. Outro aspecto de relações dialógicas será apresentado por meio da análise dos gêneros autobiográficos na criação de Rousseau e Tolstói. A inspiração de “Confissão”, de Rousseau, fica nítida nas primeiras páginas dos diários que Tolstói escreveu desde 18 anos de idade até o final de sua vida.

Palavras-chave: J.-J. Rousseau, L. Tolstói, literatura russa, prosa psicológica, dialogismo

1 Introdução

Os estudos dedicados à literatura russa já não são um fenômeno novo no Brasil. Talvez o autor russo mais conhecido para os leitores brasileiros seja Dostoiévski, mas com o trabalho constante dos tradutores durante os últimos anos, já é possível afirmar que a chamada “clássica” da literatura russa está ao alcance dos brasileiros. Depois de Dostoiévski, provavelmente Tolstói seja o segundo autor desse grupo mais lido no Brasil. Mundialmente famoso, Tolstói ganhou suas primeiras traduções –indiretas– no território brasileiro quase ao mesmo tempo em que foi traduzido na França. Depois do primeiro período de traduções indiretas, Tolstói tem se tornado um dos objetos prediletos de tradutores e editoras na vigente onda brasileira de interesse pela literatura russa, tendo aparecido nos últimos anos traduções diretas tanto dos grandes romances (*Anna Karênina*, *Guerra e Paz*, *Ressurreição*, tradução de Rubens Figueiredo) como das novelas mais representativas (*Sonata a Kreutzer*, *Hadji-Murát*, *A morte de Ivan Ilitch*, tradução de Boris Schnaiderman) e até peças de teatro (*Cadáver vivo*, tradução de Elena Vássina e Graziela Schneider).

O auge de traduções da literatura russa tem sido acompanhado pelo interesse acadêmico. Nos últimos anos foram defendidas dissertações dedicadas a Tolstói, que analisam diversos aspectos da obra do escritor russo: o tema da morte, a religião, questões políticas, e outros. Entre todos esses trabalhos, a questão da tradição literária em que se insere Tolstói é ainda pouco explorada no Brasil. Sem dúvida, a análise desse aspecto tem uma importância singular, pois permite compreender o nascimento do Tolstói escritor. Uma primeira aproximação a esse problema revela vínculos importantes com a tradição literária do século XVIII e, nesse âmbito, a presença de Rousseau desempenha um papel particular na criação tolstoiana.

2 Lev Tolstói e a tradição sentimental

Lev Tolstói começa a escrever suas primeiras obras literárias na época de seu serviço militar. Paralelamente, Tolstói escrevia um diário que redigiu até o fim da vida e que pode ser considerado seu primeiro e último texto escrito. Em princípio, o diário não tem fins literários, mas, com o tempo e as experiências, ganha diversos papéis na atividade artística e na vida do autor: de espaço de reflexão moral, e compendio de atividades a fonte das obras artísticas e laboratório de ensaio do processo de escrita, arte poética e método de trabalho. Como afirma Boris Eikhenbaum, Tolstói inicia no diário “um trabalho na metodologia da introspecção como etapa preparatória para a criação artística” (EIKHENBAUM, 1987, p. 48).

A decisão de Tolstói de aventurar-se em um gênero intimista como o diário está longe de responder à moda de sua época. Tolstói só começa seu diário quando embarca em uma viagem de autoconhecimento e auto-aperfeiçoamento moral que, como observa Eikhenbaum, está determinada pelo diálogo com a herança filosófica do século XVIII de tal forma que o diário resulta ser “o registro de meditações filosófico estéticas [...] As observações acerca da própria vida são imediatamente interpretadas como manifestação de uma norma humana geral” (BUCHKANETS, 20--?, p. 2) fato que, para Eikhenbaum, explica o caráter sentencioso das anotações do diário tolstoiano, e afirma que

é um fenômeno orgânico e lógico que as literaturas inglesa e francesa dessa época constituam sua leitura preferida [...] Rousseau e Sterne, os guias espirituais da época de Karamzin e Jukóvski resultam ser seus escritores preferidos [...] inclusive não é alheio à tradição sentimental [...] Vestígios dessa tradição podem notar-se também em *Infância*. Dirigindo-se aos leitores Tolstói escreve: “Para ser aceito no círculo dos meus seletos leitores, eu exijo muito pouco: que os senhores sejam sensíveis, isto é, que possam compadecer-se de coração e até derramar algumas lágrimas por uma personagem recordada, por quem os senhores se apaixonaram profundamente, alegrar-se por ela e não envergonhar-se disso...” (EIKHENBAUM, 1987, p. 40).

Do sentimentalismo, Tolstói tomou, principalmente, “a compreensão filosófica da pureza do sentimento moral encarnado nos princípios cristãos do humanismo” (VASSILIEVA, 2006, p. 8). Por outro lado, assimilou a “ideia central ética e filosófica da Ilustração sobre o valor do indivíduo humano e seu aperfeiçoamento moral no processo do progresso da sociedade humana” (VASSILIEVA, 2006, p. 15). E de todos os autores desse período, o mais próximo de Tolstói foi, sem dúvida, Rousseau:

Não é um fato casual que Rousseau se tornasse a figura chave na vida e na criação de Tolstói. Duas naturezas profundamente religiosas, Rousseau e Tolstói foram incansáveis na busca do sentido da vida e da predestinação do homem na terra. Ambos tiveram uma extraordinária sensibilidade moral. A profundidade e amplitude da filosofia moral de Rousseau permitiram que ele se tornasse o “guia filosófico” do jovem Tolstói. O ponto de partida da concepção de mundo de ambos escritores era religioso (o problema moral), e ambos procuraram a verdade na vida (VASSILIEVA, 2006, p. 16).

Tolstói interessou-se também pelas ideias pedagógicas de Rousseau, em parte aproveitadas no seu próprio projeto pedagógico (a escola de Iásnaia Poliana), e estava

unido a ele por um profundo parentesco moral, em que pesem também as grandes diferenças.

Para Rousseau, o sentimento cumpre uma função ativa, se torna o motor de todos os atos humanos. Traçou o programa de educação do homem perfeito, na base do desenvolvimento de suas inclinações naturais. Rousseau cria um certo sistema de influências conscientes no mundo interior da criança. Ele tem convicção de que é necessário conhecer a natureza da criança para influenciá-la, para educá-la. As ideias pedagógicas de Rousseau supunham interesse e respeito pela vida interior das crianças, pelas suas ideias e interesses. Justamente o homem em seu desenvolvimento resultou ser o centro de atenção do escritor, se tornou seu objeto de pesquisa (VASSILIEVA, 2006, p. 16).

Tolstói abandonou seu projeto pedagógico na época de seu casamento, mas ainda na velhice a questão da educação permanecia entre suas preocupações.

2.1 Rousseau na Rússia e na vida de Tolstói

Desde o final do século XVIII, o filósofo e escritor suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) tem exercido uma importante e profunda influência no pensamento e na literatura russos. A obra filosófica e literária de Rousseau ficou conhecida na Rússia ainda durante sua vida quando seus livros e ensaios começaram a ser traduzidos e publicados em russo. A primeira tradução – a carta de Rousseau ao abade Guillaume – saiu na Rússia em 1753, e desde então quase todas as principais criações de Rousseau passaram a ser publicadas em russo.¹ Vários russos (o conde Golóvkin, Orlov, o jurista Polénov, entre outros) conheceram Rousseau pessoalmente. E não podemos esquecer que uma das personagens principais de “A Nova Heloisa”, Sr de Wolmar é um emigrante russo que se envolveu em algum grupo revolucionário e, por sorte, evitou o exílio na Sibéria.

O escritor e historiador russo Nikolai Karamzin escreveu em 1794: “Rousseau! Rousseau! (...) Você morreu, mas seu espírito continua vivo no “Emílio” e seu coração vive no “Heloisa”. (ROUSSEAU, p. 141) Mais de um século depois, em 1912, o brilhante ensaísta e crítico literário Dmítri Filósofov, em seu artigo “Jean-Jacques Rousseau (à época do bicentenário do nascimento do filósofo suíço)”, ao comparar a influência de Voltaire e Rousseau na cultura russa, chegou à conclusão que, ao contrário dos temas não russos de Voltaire,

o tema de Rousseau é verdadeiramente russo... no fim das contas, toda a literatura russa cultivou os temas de Rousseau. *A profissão de fé do vigário saboiano* não é para nós um momento da história do pensamento religioso, mas um tema atual, de nosso interesse. *As Reflexões sobre a desigualdade dos homens* não é uma obra escrita para obter o prêmio da Academia de Dijon, mas um pensamento íntimo de toda a *intelligentsia* russa” Sem grandes esforços, podemos imaginar Rousseau discutindo no círculo de Petratchévski. Não ficaríamos surpresos se ele sentasse à mesa na suja tratoria onde Aliocha e Ivan Karamázov discutiam sobre Deus... É provável que Pier Bezúkhov e Platon Karatáiev ficassem felizes de ter Jean-Jacques como o companheiro deles em cativeiro”. (ROUSSEAU, 2005, p.396 - 397).

E é verdade que a influência das ideias de Rousseau foi forte e, também, duradoura na literatura russa que tanto refletiu sobre as questões da história, não somente no tocante

¹ A história das traduções das obras de Rousseau é analisada no ensaio de Alla Zlatopólskaia (. « » : PRO ET CONTRA. - , 2005

reflexão madura sobre todos “prós” e “contras” do pensamento do filósofo suíço. Por exemplo, em seu diário de 1905, Tolstói anota:

Comparam-me com Rousseau. Eu devo muito a Rousseau e o amo, mas existe uma grande diferença. Essa diferença reside em que Rousseau nega qualquer tipo de civilização, enquanto eu nego somente a civilização pseudo-cristã. Aquilo que se chama civilização é o crescimento da humanidade. O crescimento é necessário (TOLSTÓI, 2006, vol. 74, p. 195).

2.2 O jovem Tolstói e os gêneros autobiográficos / documentais

Sabe-se que Tolstói assimilou de Rousseu

a ideia central ética e filosófica da Ilustração sobre o valor do indivíduo humano e seu aperfeiçoamento moral no processo do progresso da sociedade humana [...] A profundidade e duração da influência das ideias de Rousseau nas personalidades da cultura russa foi enorme. Os escritores russos, orientados pelo fenômeno da cultura europeia e pela tradição nacional elaboram toda uma série de questões que determinam as relações com a Ilustração: o papel da educação, o progresso no desenvolvimento da sociedade e da cultura, a compreensão de ideias tocantes ao valor não estamental do homem, entre outras. O começo da criação tolstoiana coincide com a época de aparecimento, na literatura russa, do interesse pelo problema da formação do caráter, pela análise psicológica, e o aparecimento de numerosas obras do gênero de memórias, confissões (VASSILIEVA, 2010 p. 15 -16).

A primeira etapa da obra de Tolstói: 1840 – 60, é o período de formação da visão de mundo do escritor e de sua estreia na literatura. Sob a influência direta do *Emílio, ou da Educação*, de Rousseau, o jovem Tolstói traça o plano de uma das primeiras de suas obras intitulada *Quatro etapas de evolução* () que consta de 4 partes: Infância, Adolescência, Mocidade e Juventude. A primeira obra desse ciclo – a novela autobiográfica *Infância* foi publicada em 1852 e logo consagrou Tolstói como um dos jovens escritores mais talentosos de seu tempo.

Nos rascunhos da segunda parte (não realizada) de *Juventude* encontramos a confissão de Nikólenka Irentéiv, personagem principal da trilogia *Infância, Adolescência e Juventude*: “Nunca esquecerei a forte e feliz impressão, e o desprezo pela mentira das pessoas, e o amor pela verdade que me produziram as confissões de Rousseau” (TOLSTOI, 2006, vol.2, p.345)

Em princípio, a influência de “Confissão”, de Rousseau, foi muito importante para a evolução da prosa realista russa dos anos 1830-40: “Confissão” tornou-se uma referência no desenvolvimento do realismo psicológico dos escritores russos. Uma das mais importantes estudiosas da “prosa psicológica”, Lídia Guinzburg afirma que depois de várias obras sentimentalistas e românticas, inspiradas por “Emílio” e “A Nova Heloisa”, vem a hora de “Confissão” com sua nova personagem: um intelectual de origem plebeu cujo “eu”, cuja individualidade ímpar se tornam objeto de análise e autoanálise detalhadas (GUINZBURG, 1977, p. 192).

É importante observar que em 1879, Tolstói (em diálogo aberto com Rousseau) escreve sua obra autobiográfica “A Confissão”, que relata com impressionante sinceridade

a via dolorosa de tormentos e dúvidas existenciais que experimentou em busca de ressurreição e como, no fim, conseguiu encontrar o caminho da iluminação espiritual.

Assim, o estilo confessional de auto-análise será uma das bases da formação da poética de Tolstói. O caminho do autoconhecimento leva o escritor a penetrar na psicologia de suas personagens recriando aquilo que foi definido por um dos críticos russos (N.Tchernichévski) como a “dialética da alma”. Sabe-se que Tolstói, como nenhum outro clássico russo, consegue de maneira genial descrever, com vastíssima diversidade de nuances, todos os movimentos e contornos delicados da difícil “dialética da alma humana”.

2.3 Tolstói da época dos grandes romances

Um novo período da vida, pleno de felicidade, se inicia para o escritor em 1862 quando se casa com a jovem, bonita e admirada Sofia Behrs. Ainda jovem, o autor de *Guerra e Paz* (1869) e de *Anna Kariênina* (1877) conheceu uma fama extraordinária internacional (até chegou a ser eleito, em 1898, membro correspondente da Academia Brasileira de Letras). Suas obras foram amplamente traduzidas e editadas no mundo inteiro. Tolstói mantinha correspondência e recebia em sua casa (que, no final do século XIX – início do século XX se tornou uma espécie de Meca artística e espiritual) escritores, músicos, filósofos e artistas, dentre os quais, figuravam as personalidades mais conhecidas da época.

Ainda nesta época ecoam os pensamentos que vincularam Tolstói a seus mestres do século XVIII. Na contraposição entre as formas falsas e hipócritas da vida da alta sociedade russa, é valorizado o “homem natural”, o bom selvagem encarnado mais de uma vez pelas personagens tolstoianas. Assim acontece em *Anna Kariênina* onde Kariênin e seu círculo são contrapostos a Konstantin Liévin (alter ego de Tolstói). Mais tarde, o caráter de Helene Bezúkhov, em *Guerra e paz*, revela-se em contraposição a seus antípodas: Natacha Rostova e Pierre Bezúkhov, personagens que vivem (e erram) segundo seus corações. Como sempre em Tolstói (e na literatura clássica russa em geral), os valores do coração são justapostos aos valores da razão. “Pensar com o coração” é uma das ideias mais caras de Tolstói que oferece esta magnífica possibilidade a suas personagens prediletas. Não é por acaso que no romance *Guerra e paz* as mesmas personagens fazem referências a Rousseau:

Foi assim na época difícil, sempre lembrada por Pierre, após o nascimento do primeiro e debilitado bebê, quando eles tiveram de trocar de ama de leite três vezes e Natacha adoeceu de desespero; Pierre um dia comunicou a ela os pensamentos de Rousseau, com os quais ele estava plenamente de acordo, sobre a falta de naturalidade e os perigos de recorrer às amas de leite (TOLSTÓI, 2011, vol.2, p.2374)

2.4 Tolstói tardio

As personagens das obras tardias de Tolstói ganham a oportunidade de romper com tudo o que há de “material” e é imposto ao indivíduo pelas formas externas à sua existência. Elas renunciam a tudo o que é morto e imóvel e têm a possibilidade de ingressar no mundo da liberdade que significa para Tolstói uma volta à natureza humana, profundamente moral na sua origem.

O último drama de Tolstói, *O Cadáver Vivo*, trata do drama do “homem natural”, que não segue os princípios estabelecidos e aceitos por todos. A personagem principal é Fiódor Protássov, ou simplesmente Fiédia, como costumam chamá-lo. Esse homem encantador, fraco e pecador, que costuma beber, ao ter abandonado a família e rompido com seu meio social (a mais alta sociedade russa, à qual pertencia também o conde Lev Tolstói), passa a vida em farras com os ciganos. A principal justificativa de Fiédia é que não é possível levar uma vida “correta”, pois só existe a aparência de decência, mas na verdade, a vida está cheia de mentira e da hipocrisia dos condicionamentos sociais. Ele procura a verdade, a autenticidade e a naturalidade das relações humanas e da vida. E encontra-as longe dos salões da alta sociedade, em meio aos ciganos, escutando as maravilhosas canções desse povo que, antes de tudo, valoriza a liberdade.

Sobre Fiédia Protássov, “pesa a maldição da riqueza original”. Trata-se daquela mesma maldição que o próprio Tolstói passou a sentir tão fortemente no final de sua vida. Essa “maldição da riqueza” e o motivo da vida indevida - “falsa e civilizada” definem outro tema muito importante para a obra do último período de Tolstói – o da retirada, da partida ou fuga, sendo este um tema profundamente autobiográfico.

Mais uma vez, já na maturidade, Tolstói recria literariamente e, *Cadáver vivo* um dos motivos que elaborou na juventude, quando claramente sentiu por vez primeira a necessidade de livrar-se do artifício da sociedade, como observamos logo na primeira anotação de seu diário de 17 de março de 1847:

O principal proveito consiste, pois, naquilo que discerni claramente –a vida desregrada que a maior parte das pessoas mundanas considera uma consequência da juventude, não é outra coisa senão consequência de uma precoce perversão da alma.

O retiro é tão útil para o homem que vive em sociedade, como a vida social é para o homem que não vive nela. Separe-se o homem da sociedade, retraia-se ele em si, e tão logo o juízo lhe arranque os óculos que lhe mostravam tudo numa forma distorcida, e tão logo se aclare sua maneira de ver as coisas, então, será para ele incompreensível como não via tudo aquilo antes (TOLSTÓI, 2006, vol. 46, p. 3-4)

E mais uma vez também, a obra de Tolstói mostra-se inseparável da vida do artista. A máxima expressão dessa indivisibilidade é a fuga de Tolstói do conforto do lar bem constituído, conforme os padrões próprios de sua classe, em busca da vida simples e natural, condizente com a busca espiritual de toda sua vida. A fuga de Tolstói constitui a expressão máxima da coerência de pensamento, vida e criação artística.

Conclusão

O tema das relações entre Rousseau e Tolstói é uma questão ainda nova no âmbito dos estudos do autor russo. Nossa pesquisa estabeleceu a presença de pelo menos 3 caminhos visíveis de dialogismo entre esses dois autores. O primeiro deles se refere à reflexão sobre a pedagogia que, como foi anotado, Tolstói levou em consideração quando da realização do seu próprio projeto pedagógico em sua propriedade rural de Iásnaia Poliana. O segundo, a questão do homem natural, o bom selvagem que se contrapõe ao homem civilizado. Esse paralelo está presente na obra tolstoiana desde as primeiras obras (caso de *Os cossacos*), permanece nos grandes romances (contraponto Liêvin – Vrónski/Karênin e seu círculo em *Anna Karênina*) e também nas obras de maturidade de

Tolstói (caso de *Khadji-Murát*, protagonista na novela do mesmo nome). O terceiro caminho é a análise da introspecção que, como foi apontado, Tolstói descobre como técnica de desenvolvimento do auto-aperfeiçoamento moral, por influência de J.-J. Rousseau e depois, como pensa Eikhenbaum, aproveita essa mesma técnica como método que constitui a base de sua poética, que foi descrita como a “dialética da alma”.

Referências Bibliográficas

- 1] **Buchkánets, L.E.** *Dnevnik molodogo Tolstogo*. Kazan, [20--?]
- 2] **Eikhenbaum, Boris.** *O literature. Raboty raznykh let*. Mosckva: Soviétski pissátel, 1987.
- 3] Gússev, Nikolai. *Tolstói v molodosti*. Moskva, 1926.
- 4] **Guinzburg, Lidia.** *O psikhologuitcheskoi proze*. Mosckva: Khudojestvénaia literatura, 1977.
- 5] **Pushkin, Alexandr.** *Eugênio Oneguín*. Trad. Dario Moreira de Castro Alves. Rio – SP: Record, 2010.
- 6] **Rousseau J.- J.** *PRO ET CONTRA*. S-Petersburg: RHGA, 2005
- 7] **Vassilieva, Elena.** *Traditsiia sentimentalizma v tvortchestve rannego L. N. Tolstogo*. Avtoreferat dissertatsii na soiskanie utchenoi stepeni kandidata filologuitcheskikh nauk. Tomsk, 2006.
- 8] **Tolstói, Liev.** *Guerra e Paz*. São Paulo : Cosac & Naif, 2010.
- 9] Tolstói, Liev. *Dnevnik 1847 – 1854 (Polnoe sobranie sochinenii. Tom. 46. Dnevnik 1847 – 1854)*. Moskva: Rossiiskaia Gosudarstvennaia Biblioteka. Disponível em: http://petrovitskaya.lifeware.ru/sobranie_sochineniy. Último acesso em 11/08/2013.
- 10] Tolstói, Liev. *Pisma 1903 (Polnoe sobranie sochinenii. Tom. 74. Pisma 1093)*. Moskva: Rossiiskaia Gosudarstvennaia Biblioteka, 2006. Disponível em: http://petrovitskaya.lifeware.ru/sobranie_sochineniy. Último acesso em 11/08/2013.
- 11] Tolstói, Liev. *Pisma 1904 – 1905 (Polnoe sobranie sochinenii. Tom. 75. Pisma (Ianvar – Iiun))*. Moskva: Rossiiskaia Gosudarstvennaia Biblioteka, 2006. Disponível em: http://petrovitskaya.lifeware.ru/sobranie_sochineniy. Último acesso em 11/08/2013.